

Televisão e Meio Ambiente: os cenários de futuro sobre o aquecimento global na abordagem dos telejornais da Rede Globo

Anaelson Leandro de Sousa
Betânia Maria Vilas Bôas Barreto
Marlúcia Mendes da Rocha

Resumo: A apropriação do real no discurso telejornalístico para construir imaginários sobre o futuro ambiental do planeta é o *corpus* do presente artigo. A investigação concentra-se nas estratégias enunciativas desenvolvidas pela Rede Globo de Televisão, através das reportagens dos seus telejornais – Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo – apresentadas no dia dois de fevereiro de 2007, data do anúncio do relatório do Painel Internacional sobre Mudanças Climáticas, em Paris. A intenção é descobrir de que maneira a emissora abordou o tema sobre aquecimento global e mudanças climáticas e como construiu os cenários sobre o futuro ambiental para sua audiência. O método de pesquisa baseia-se na Análise de Discurso (AD), tratando da percepção explícita e implícita da linguagem televisual, seus pressupostos constitutivos e interesses interlocutivos dos seus emissores.

Palavras-chave: Telejornalismo; Meio Ambiente; Prospecção; Análise de Discurso; Aquecimento global

A conjuntura ambiental que se apresenta atualmente levanta muitas discussões sobre a relação do homem com a natureza e sua intervenção nas transformações ocorridas com sua participação no meio ambiente. Pesquisas científicas apontam a influência humana nas modificações climáticas e sugerem um quadro de futuro que reflete a profundidade dessas mudanças. Os meios de comunicação, nesse contexto, aparecem como divulgadores dos mais diversos discursos sobre o convívio do ser humano com o ambiente natural e antropizado. A televisão, como meio massivo, também se apropria da interpretação da realidade para formular seus enunciados sobre o tema, posicionando-se a partir de suas estratégias discursivas a partir do audiovisual.

Assim, segundo Martin-Barbero & Rey (2001) vive-se atualmente sob o regime da visualidade. Para os autores,

emerge a relação constitutiva das mediações tecnológicas com as mudanças na *discursividade*, suas novas competências de linguagem: desde os traços mágico-geométricos do *homo pictor* ao *sensorium* leigo que a gravura ou a

fotografia “revelam” aos novos relatos inaugurados pelo cinema e pela televisão (p. 16).

Rocco (2003, p. 19) insere a abrangência televisiva no cenário contemporâneo, como um dos veículos que maior penetração já obteve na era eletrônica. Ela se inseriu nas casas de um contingente significativo em todos os lugares do mundo. “A televisão é hoje parte do cotidiano, parte referencial da vida de quase todos os homens”.

Ferrés (1996, p. 7) compara a televisão ao totem das tribos primitivas. Ela passaria a ser “objeto de veneração e reverência, símbolo de identificação individual e coletiva”, concentrando as expectativas e medos das “tribos modernas”. A televisão, nesse sentido produziria o prazer de sentir-se integrado coletivamente, dando sentido à realidade que cerca os indivíduos, decidindo o que é ou não importante. Mas, o que não se pode perder de vista quando se fala da inter-relação televisiva com a sociedade é o contexto ambiental, político, econômico, cultural e social do qual faz parte, e os problemas que aparecem sob essa estruturação.

O signo da velocidade e da precipitação leva a um propósito de renovação permanente, num mundo onde a informação existe em abundância (ARBEX JR, 2001, p. 88). Toda essa conjunção ao imediato e veloz reflete-se como resultado na forma de organização da televisão enquanto meio e de seu arsenal discursivo. Tornou-se ponto crucial, para os veículos de comunicação de massa, a busca pela informação exclusiva e a sua disseminação com urgência e dramaticidade, o que equivale a uma demonstração de prestígio, de poder financeiro e político, diante dos seus concorrentes.

Para Ferrés (1998, p. 13) são as categorias emotivas e, em boa parte, inconscientes que são priorizadas para chegarem até os receptores, como forma de identificação e aceitação das mensagens. “Pensa-se que da televisão só podem influir aquelas comunicações das quais se é consciente, enquanto que os efeitos principais da televisão são inconscientes, despercebidos/inadvertidos”. Subliminarmente, são exercidos estímulos que pretendem gerar consenso e aceitação.

Num sentido mais amplo, considera-se subliminar qualquer estímulo que não é percebido de maneira consciente, pelo motivo que seja: porque foi mascarado ou camuflado pelo emissor, porque é captado desde uma atitude de grande excitação emotiva por parte do receptor, porque produz uma saturação de informações ou porque as comunicações são indiretas e aceitas de uma maneira inadvertida. (FERRÉS, 1998, p. 14)

Dutra (2003, p. 4) corrobora este aspecto quando esclarece que é inegável que a mídia tente persuadir e use do conjunto operacional de estratégias que busque um objetivo, sem neutralidade e desinteresse. O que ele afirma é que o discurso midiático é re-produzido e retorna ao receptor enquanto possibilidades e não determinações, mas, sai, essencialmente, de elementos componentes do imaginário coletivo.

Bourdieu (p. 1997. pp. 23-24) afirma que a televisão exerce uma espécie de monopólio mais do que sobre a informação passada, mas sim sobre a “formação das cabeças de uma parcela muito importante da população”. E a composição estrutural e visual da parafernália expressiva televisiva, priorizando o extravasamento de efeitos especiais, a sedução envolta nos recursos técnicos visuais e sonoros, a abrangência de figuras retóricas visuais e verbais, servem para esconder um imenso vazio de conteúdos (FERRÉS, 1996, p. 34).

Assim, a mídia televisiva constrói, freqüentemente, sua própria narrativa e a oferta aos telespectadores, como se esses relatos fossem a própria realidade refletida na tela. Os fatos, metamorfoseados em notícias, passam a representar eventos únicos, autônomos e plenos em si. Para boa parte dos que os observam e acompanham, eles são considerados como reais, saídos do meio ambiente, como parte do mundo real (ARBEX JR. 2001, p. 103). Essa naturalização das notícias esconde o cerne da questão de que

fatos” e “notícias” não existem por si só, como entidades “naturais”. Ao contrário, são assim designados por alguém (por exemplo, por um editor), por motivos (culturais, sociais, econômicos, políticos) que nem sempre são óbvios. Mas essa operação fica oculta sob o manto mistificador da suposta “objetividade jornalística. (idem, p. 103)

A suposta objetividade jornalística pode ser questionada a partir de uma reflexão mais aprofundada sobre em que bases ela se constrói. A notícia, como centro de interesse do universo informacional telejornalístico, é lançada ao público (audiência) como um relato do cotidiano, porém, por ser uma forma narrativa, é um modo específico de se expor uma história (SODRÉ, 1996, p. 132). Acontecimentos e notícias são diferentes em si mesmos. “Do ponto de vista do medium (jornal, rádio, tevê), o acontecimento é matéria-prima para o produto notícia que, por sua vez, pode constituir-se em acontecimento para o público” (idem, p. 132-133).

Voltando a atenção para um dos pólos desse processo comunicacional, Patrick Champagne, citado por Bourdieu (1997, p. 25), observa que o princípio da seleção é a

busca do sensacional, do espetacular e que a televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Ramonet (1999, p. 22) estende esta perspectiva como o fascínio pelo “espetáculo de evento”. Toda informação é “sempre é simplificável, redutível, capaz de converter-se em espetáculo de massa e decompor-se num certo número de segmentos-emoções”. Desta forma, tudo poderia ser compartimentalizado, digerido, esquematizado e condensado.

É o discurso verbal que também encaminha e conduz a audiência a “compreender” o que está dito como real. Joly (1996, p. 117), acredita que

De fato, julgamos uma imagem “verdadeira” ou “mentirosa” não devido ao que representa, mas devido ao que nos é dito ou escrito do que representa. Se admitirmos como verdadeira a relação entre o comentário da imagem e a imagem, vamos julgá-la verdadeira; se não, vamos julgá-la mentirosa. Mais uma vez, tudo depende da expectativa do espectador (JOLY, 1996, p. 117).

Portando, questiona-se, no presente trabalho, que tipos de discursos foram estruturados pelo telejornalismo da Rede Globo de Televisão, sobre o aquecimento global e transformações do clima, anunciados no relatório do Painel Internacional sobre Mudança Climática – IPCC, divulgado em 2 de fevereiro de 2007.

Quais as estratégias enunciativas das reportagens apresentadas neste dia nos jornais Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo? A intenção é descobrir os mecanismos discursivos implícitos e explícitos nos atos de fala de repórteres e fontes, para verificar que abordagem e representação dos cenários de futuro sobre a situação ambiental no Brasil e no mundo, estão sendo pautadas de veiculada para os telespectadores da emissora.

Imaginário e prospecção

A criação de cenários da realidade pelos telejornais passa pela concepção do real e imaginário vindo do próprio bojo social. Chauí (2002) classifica a imaginação, principalmente, em produtora e criadora e que a tradição filosófica sempre deu prioridade a primeira – considerada como um resíduo do objeto percebido que

permanece retido em nossa consciência. Neste caso, a imagem seria um rastro ou um vestígio deixado pela percepção.

Distanciando-se da tradição filosófica e buscando uma compreensão fenomenológica para a imaginação, Chauí aponta para a “consciência imaginativa” como forma de consciência diferente da percepção e da memória, apresentando o ato (o imaginar) e o conteúdo (o imaginário ou objeto-em-imagem). Estabelece-se, portanto a diferença entre perceber e imaginar (CHAUI, 2002, p. 133).

Atualmente, o imaginário tende a consolidar o seu espaço na sociedade como constata Mafessoli. “Progressivamente, o imaginário, que a modernidade poderia considerar como sendo da ordem do supérfluo ou da frivolidade, tende a encontrar um lugar de escolha na vida social” (1995, p.41).

Bachelard em seus estudos sobre imaginação lança a seguinte interrogação: “como prever sem imaginar?”. Para ele é necessário unir o real e o irreal.

A imaginação, em suas ações vivas, nos desliga ao mesmo tempo do passado e da realidade. Aponta para o futuro. *A função do real* (grifo do autor), instituída pelo passado, tal como é destacada pela psicologia clássica, é preciso juntar uma *função de irreal* também positiva (Bachelard, 1978, p. 195).

A função de imaginar o futuro, antes atribuídas ao campo da literatura, ganha força na segunda metade do século XX e início do século XXI. A utilização de técnicas modernas - com programas avançados de computadores - sugere previsões de cenários futuros da relação homem e ambiente de forma catastrófica para a vida no planeta. Ultimamente, o quadro desenhado pelos pesquisadores tem ganhado espaço no conjunto de meios de comunicação no Brasil e no mundo. A técnica prospectiva de definição de cenários futuros, com a ajuda dos meios de comunicação, vem gerando e ampliando o imaginário da crise ambiental na sociedade.

Porém, historicamente, a utilização da técnica prospectiva de definição de cenários futuros, muito utilizada nos dias atuais por cientistas, encontra a sua origem entre os militares durante a segunda guerra mundial, com o objetivo de definir estratégias de combate. A primeira referência no campo ambiental foi o Relatório Limites do Crescimento, patrocinado pelo Clube de Roma, que, em meados do século passado, buscou a prospecção como instrumento de identificação dos limites do crescimento econômico mundial. Logo em seguida aparece o conceito de Desenvolvimento

Sustentável, cunhado através do relatório Nosso Futuro Comum, de 1987. A Agenda 21, documento da Conferência Rio 92, traz a elaboração de cenários para um crescimento equilibrado para o futuro ambiental e humano.

Além da Agenda 21, outras iniciativas são plausíveis de prospecção. Dentre os relatórios e documentos elaborados visando à preservação do planeta e qualidade de vida de seus habitantes, destacam-se os resumos científicos do Painel Internacional sobre Mudança Climática – IPCC, divulgados em 2 de fevereiro de 2007, em Paris e em 16 de abril de 2007, em Bruxelas. Pode-se afirmar que a divulgação de tais resumos nos meios de comunicação venham a consolidar o imaginário sobre meio ambiente desde o relatório do Clube de Roma.

Analisando o Discurso sobre Meio Ambiente

A abordagem investigativa de como o telejornalismo utilizou-se dos princípios da prospecção para gerar cenários ambientais futuristas, no presente artigo, se dará sob o enfoque da Análise de Discurso (AD). Foram investigadas sete reportagens dentro dos programas que se ligaram ao aquecimento global e mudança climática no Brasil e no mundo.

Na concepção teórica de análise, para a AD, concentra-se essencialmente no campo da linguagem. Segundo Baccega (1998) ela faz a mediação entre o homem e mundo real, entre o que é social, coletivo e o individual, particular.

Dessas características da linguagem resulta sua condição de influenciar o nível de abstração e o nível de generalização do pensamento humano, bases do processo de conhecimento, o qual implica a manifestação de pelo menos três dos seus componentes: o sujeito que conhece; o objeto que se dá a conhecer; e o produtor desse processo interativo, o próprio conhecimento, que, por sua vez, impulsiona novos processos. (p. 68)

Neste sentido, a autora (idem, p. 98), indica ser a AD pertinente para retratar as multifaces inerentes ao campo comunicacional.

Dada a complexidade do campo da comunicação, lugar para onde convergem os discursos sociais e de onde emergem os discursos outros que, amplificados pela tecnologia, ocupam espaços e promovem silêncios, consideramos que a AD é muito mais eficaz para as pesquisas em comunicação. Isso porque, além dos mecanismos intradiscursivos de que trata a semiótica (e sem despreza-los), a comunicação se configura como

resultado das condições sócio-históricas e, dessas, só a AD procura dar conta (pp. 81-82).

Para Pêucheux (2002, p. 57) a AD leva em conta o problema da interpretação. Ele entende que se podem detectar os momentos interpretativos, através das descrições regulares de organização discursiva, como atos surgidos de tomadas de decisão e posicionamentos, a serem reconhecidos enquanto tal, com seus efeitos de identificação reconhecidos e ratificados. Para o autor, é a existência do *outro* dentro da coletividade que possibilita a “ligação, identificação e transferência” numa relação possível de interpretação. “É porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes” (Idem, p. 54).

As indagações que se colocam, diante deste panorama, reivindicam uma ligação entre os aspectos concretos que são levados em consideração na construção discursiva das mensagens telejornalísticas e seus referenciais simbólicos na intermediação da realidade ambiental.

Bakhtin (1997, p. 123) trabalha com a noção dialógica e afirma que a língua é constituída por um “fenômeno social de interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações”. Para ele, a concepção de diálogo engloba “toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”.

E estes enunciados, a partir dos critérios de abordagem da análise de discurso, serão verificados em sua concepção verbal, que sempre apóia a visual, em termos de mídia televisiva. O objetivo básico é o de obter a caracterização do verbal, dentro do campo telejornalístico, investigando sua organização discursiva.

Análise dos telejornais

As reportagens selecionadas (Tabela 1) foram exibidas nos telejornais da Rede Globo no dia 2 de fevereiro de 2007 – repercussão na mídia mundial do Relatório IPCC sobre aquecimento global, em Paris. As reportagens foram separadas por programas e trabalha-se em cima do tema, duração e fontes de pesquisa utilizados pelo repórter, além dos dados do relatório intergovernamental sobre aquecimento global.

Tabela 1
Programas telejornalísticos da Rede Globo no dia 2 de fevereiro de 2007

PROGRAMA	CÓDIGO	TEMA	DURAÇÃO	SONORAS
Bom Dia Brasil	R1	Estudo de brasileiro mostra efeitos das queimadas na Amazônia	2m25s	Paulo Artaxo –Pesquisador do Instituto de Física da USP; Marcelo Furtado - diretor do Greenpeace
Bom Dia Brasil	R2	Culpa do homem	3m18s	Represente do Governo brasileiro (Não foi creditado)
Jornal Hoje	R3	Mudanças do clima no mundo	2m59s	Não houve
Jornal Hoje	R4	Efeitos do clima no Brasil	2m21s	Pedro Dias, pesquisador; Marcelo Furtado - diretor do Greenpeace
Jornal Nacional	R5	Previsões sombrias sobre o ambiente do planeta	2m43s	Não houve
Jornal Nacional	R6	Novos caminhos para a energia	1m51s	O engenheiro André Gimenes – Professor da USP; Marcelo Furtado - diretor do Greenpeace
Jornal da Globo	R7	Perigo climático	1m49s	Yvo de Bôer - secretário de clima da ONU

Os discursos apresentados ocorreram da seguinte forma: messiânico – que procura atenuar os impactos do meio ambiente no futuro, bem como apontar soluções, consideradas como mitigadoras, para amenizar as projeções negativas; apocalíptico - que procura alertar sobre as consequências catastróficas e irreversíveis de forma espetacular.

Já nos temas das matérias percebe-se o tom mais negativista em relação ao convívio homem/meio ambiente. “Culpa do homem”, “Previsões sombrias sobre o ambiente do planeta”, “Perigo climático”, mostram uma visão mais pessimista sobre a realidade ambiental.

No programa Bom Dia Brasil o discurso apocalíptico é apresentado com uma seqüência de eventos naturais que coloca em risco a existência dos habitantes do planeta. Na reportagem R2 o nível do mar vai subir “provavelmente” mais de 3°C. Pode ser menos – 2°C. Mas pode chegar a 4,5°C, ou mais.

Na reportagem da correspondente Sonia Bridi, “os furacões ficariam mais raros - e mais mortais. O hemisfério Norte sofreria mais do que o Sul. Até 2100 a calota polar do Ártico desapareceria completamente durante os verões. A Antártica teria mais neve. Os oceanos ficariam mais altos - de 28 a 43 centímetros”. Também são evidenciados os problemas sociais provocados pela escassez de água e a fome que atingiria entre 100 e 550 milhões de pessoas. Outro número revelador é apresentado com a possibilidade de 10% a 40% das espécies desaparecerem da face da Terra.

Na reportagem R1 o discurso apocalíptico aparece quando fala-se dos benefícios apresentados pelo pesquisador brasileiro Paulo Artaxo de que a fuligem produzida a partir das queimadas na região amazônica pode diminuir o aquecimento é responsável pelas doenças respiratórias.

Quanto ao discurso messiânico, o quadro é amenizado na R1 ao dizer que a fuligem produzida pelas queimadas pode diminuir o aquecimento global e que, de forma esperançosa, o mundo poderá reduzir pela metade a emissão de gás carbônico, sem prejudicar a economia até 2005.

Na R2 o quadro positivo é explicitado com a possibilidade da Floresta Amazônica não ser afetada diretamente pelas previsões.

No Jornal Hoje na R3 os dados apresentados sobre a temperatura diferem dos apresentados pelo programa da manhã. “Até o fim do século, a temperatura média será 3°C mais quente, mas o aquecimento pode chegar a até 5°C”. O nível dos oceanos vai subir mais de meio metro, também diferente do que foi apresentado pelo Bom Dia Brasil, que divulgou um aumento dos oceanos entre 28 e 48 centímetros.

A narrativa a seguir extraída da reportagem R3 apresenta um quadro bastante assustador para os telespectadores do início do período vespertino.

Ondas de calor intenso, chuvas mais fortes e fora de época, ciclos de seca. Furacões mais raros, e mais destruidores. Os pobres vão sofrer mais e vão sofrer antes. Mas nenhum país ficará imune às mudanças. A calota polar no norte pode desaparecer totalmente nos verões - e com ela, o urso polar. A grande barreira de recifes de coral da Austrália deve virar um ecossistema morto. A China, que caminha para ser o maior poluidor do planeta em 2009, gerando a carvão 85% da energia que alimenta seu crescimento, já está tendo o inverno mais quente de que se lembra e vai ser um dos países mais afetados pela falta de água por causa do degelo das geleiras dos Andes ao Himalaia. Bilhões de pessoas vão sofrer racionamento de água. E não importa o que fizermos, as mudanças vão continuar durante séculos (Jornal Hoje, 2 de fevereiro 2007).

O próprio repórter após enumerar o quadro obscuro revela de forma explícita e direta “o quadro é assustador”.

A reportagem R4 procura trazer os impactos anunciados pelo relatório para a realidade brasileira. Além de mostrar um quadro com desequilíbrios ambientais em regiões brasileiras, principalmente na região amazônica. As imagens revelam uma Amazônia jamais imaginada. Parte da reportagem apresenta os tais contrastes com “Terra rachada pela seca e peixes mortos”. Mais adiante afirma que os pesquisadores garantem que as imagens da estiagem, acontecida em 2005, são reflexos das mudanças climáticas. “a região que sofre com o aquecimento global também contribui para o problema: 80% dos gases lançados na atmosfera no Brasil vêm das queimadas na Amazônia” Nessa última afirmação fica claro que os enfoques dados sobre um mesmo tema e no mesmo dia pelo telejornalismo da Rede Globo demonstram, por vezes, contradições. Enquanto o programa da manhã divulga que os impactos da Amazônia relacionados às queimadas podem ser positivos para o meio ambiente, no entanto, no programa da tarde os impactos são negativos, revelando que somente este impacto contribui com 80% da poluição brasileira.

Quanto ao discurso messiânico, as reportagens não apresentam soluções, mas destacam as visões otimistas, como por exemplo na R3 que mostra a unanimidade dos cientistas como bastante positivo, pois “agora o mundo inteiro reconhece que o aquecimento global existe e precisa ser combatido”.

Na Reportagem R4 o grau de otimismo é apresentado pelo entrevistado Pedro Dias, pesquisador. “Nós acreditamos que existe uma luz no fim do túnel e ela está ligada a lutar contra o desmatamento na Amazônia, que é nossa principal fonte de emissão e a mudar nossa matriz energética”.

O Jornal Nacional é um dos principais telejornais da emissora por conta da valorização de seu horário. Por ser horário nobre, o jornal tenta atingir um número máximo de telespectadores. A reportagem R5 começa com o apresentador anunciando as “previsões sombrias sobre o ambiente do planeta”. O quadro apocalíptico mostrado a seguir ameniza a certeza de que o homem é principal responsável. “Segundo o relatório, é muito provável que o aumento da temperatura da terra seja fruto da ação do homem. Para os cientistas, esta é uma probabilidade de 90%”. Outros meios de comunicação

montaram seus discursos dando como inequívoca a certeza das ações humanas como as principais causadoras da crise ambiental.

O discurso apresentado pelo Jornal Nacional é mais direto em sugerir um quadro de devastação. São textos curtos que procuram montar uma conjuntura atual e prospecções para futuro. “A imagem do aquecimento global. O chão derretendo a seus pés. O urso polar pode ser extinto até o fim do século, porque o habitat dele, a calota de gelo do Pólo Norte, vai desaparecer nos verões”. E segue, “no arquipélago de Kiribati, no Pacífico, os 150 mil moradores já sabem que logo não vai mais adiantar fugir para pontos um pouco mais altos”. Em outro ponto do planeta, as imagens mostram que “Águas mais quentes já matam os corais na grande barreira de recifes na Austrália, fonte de um ecossistema inteiro e de uma renda preciosa em turismo para o país”.

Os dados apresentado sobre aquecimento coloca que o planeta “vai estar três graus mais quente, em média. Mas o aquecimento pode ser maior, de cinco graus”.

Assim que a reportagem segue, o quadro montado vai tomando proporções maiores em frases curtas como “mudanças de rotas migratórias podem espalhar doenças”, “a falta de água pode atingir bilhões de pessoas”. As afirmações imprecisas são orientadas com a expressão “pode”. Na frase seguinte a imprecisão dá lugar a certeza quando afirma que “O mundo vai conhecer um novo tipo de refugiados, os refugiados do clima que não conseguem mais viver em suas terras de origem”. Essa projeção é dada como certa pelo repórter.

A frase mais contundente é a que coloca a responsabilidade maior para um mundo pior é a agricultura. “Mas a atividade agropecuária, que derruba florestas e emite metano e óxido nitroso também contribui para a destruição do planeta como nós o conhecemos e a criação de outro, em transformação para pior”.

Outra reportagem, R6, que apresenta um quadro pessimista é o que analisa os novos caminhos para a energia no Brasil baseado em um estudo que os caminhos que o país deve seguir nas próximas décadas para encontrar novas fontes de energia e diminuir a emissão de gases poluentes. “Um estudo divulgado hoje prevê que, no ritmo atual, em 2050, o consumo de energia elétrica no Brasil será quatro vezes maior. Uma situação insustentável, dizem os especialistas”.

Quando os problemas ambientais são colocados em âmbito de Brasil, muitos outros pontos são deixados de lado. A reportagem apresentada no Jornal Hoje quando

repercute os dados do relatório, o faz com mais propriedade jornalística e menos limitação dos problemas ambientais brasileiro, como é apresentado no Jornal Nacional. No entanto, o discurso apocalíptico no caso brasileiro apresentado pelo Jornal Nacional não tem argumentos maiores.

O discurso messiânico não esteve presente na reportagem R5, mas, na R6 as soluções aparecem com mais frequência. Após projetar que o Brasil teria problemas no setor elétrico, por volta do ano 2050 e ser dado como insustentável, a reportagem dispara “mas há soluções”. O quadro otimista é reforçado com a fala de um representante de uma Ong ambientalista. “O Greenpeace, preocupado com o aquecimento global, acha que o Brasil tem condições de cortar aos poucos a queima de carvão e óleo combustível e chegar em 2050 consumindo”.

O Jornal da Globo foi o último jornal da emissora exibido no dia 2 de fevereiro. A abertura da R7 é iniciada pelo apresentador com “perigo climático”. É o único que coloca em seu discurso como ponto principal que é o homem o principal responsável pela degradação ambiental.

O tom apocalíptico fica por conta da subida dos mares que pode ameaçar grandes metrópoles litorâneas, como “Xangai, na China, ou Buenos Aires. Kiribati, um território sobre atóis de corais no Oceano Pacífico com 50 mil habitantes, vai ser engolido pelas águas até o final do século”. Outro dado apontado é com relação a crianças que nascem hoje na África, que estão condenadas a fazer parte do grupo de refugiados do clima.

O discurso messiânico é reduzido apenas com a recomendação do presidente da França, Jacques Chirac, que sugere a criação de um novo organismo da ONU – Organização das Nações Unidas - com mais influência, apenas para cuidar do clima.

No total, nos 4 telejornais foram exibidos 7 reportagens. O discurso de cada telejornal indica que no setor de produção não há relacionamento direto, apesar de um mesmo correspondente aparecer em diferentes horários.

As reportagens utilizaram dados diferenciados dos apresentados por outros telejornais. O Bom Dia Brasil, por exemplo, anunciou o aumento do nível dos mares entre 28 e 43 centímetros; o Jornal Hoje e o Jornal Nacional apresentaram mais de 50 centímetros; O Jornal da Globo, no entanto, apresentou dados entre 18 e 59 centímetros.

Há diferenças também quanto ao tratamento do número de pesquisadores: 2.500, mais de 2.500 e 2,5 mil cientistas. Outro exemplo é com relação ao número de habitantes da ilha Kiribati, no Oceano Pacífico. O Jornal Nacional coloca 150 mil habitantes e o Jornal da Globo, 50 mil.

Quanto as sonoras foi percebido que uma mesma fonte aparece em telejornais diferentes, como exemplo do Marcelo Furtado, diretor do Greenpeace, que é utilizado pelas produções em todos os turnos no Bom Dia Brasil, Jornal Hoje e Jornal Nacional.

Conclusão

De maneira geral, o tema aparece com um enfoque repetitivo, em termos de informações, sobre os dados do relatório e sobre os possíveis problemas ambientais futuros decorrentes da ação humana. Os dados são imprecisos e, em alguns casos, contraditórios, revelando a falta de uma pesquisa mais aprofundada e contundente sobre o tema. Percebe-se aí a prioridade dada à dramatização dos fatos, à espetacularização e sensacionalismo e dicotomia no tratamento das informações.

Em termos discursivos, a concepção apocalíptica procurou apresentar a crise ambiental como catastrófica, já os enunciados messiânicos tentaram apresentar uma possível salvação e medidas mitigadoras para reduzir os impactos da crise ambiental.

Os textos jornalísticos nos diferentes programas não oferecem informações adicionais complementares que permitam uma contextualização coerente por parte do receptor, o seja, não atualizam o fato. A repercussão dos acontecimentos é repetitiva e muitas vezes os dados técnicos sofrem diferenças, como os dados referentes ao número de pesquisadores envolvidos na elaboração do Relatório IPCC e sobre a projeção de aumento do nível do mar e temperatura global para o final do século XXI.

Ao mesmo tempo em que as matérias sugerem a criação de um imaginário, principalmente através das imagens aliadas à narração, cujo futuro é catastrófico e seus efeitos na natureza irreversíveis, também, de forma reduzida, são apresentadas soluções que amenizam as projeções para o futuro.

Mesmo assim, nas reportagens, é predominante o discurso apocalíptico em detrimento ao discurso messiânico, que pretende apresentar a salvação do mundo.

No entanto, o perigo reside em mostrar demasiadamente, tanto um discurso que aponta apenas a “salvação”, pois a preferência por esse tipo de discurso pode escamotear os principais problemas ambientais. Porém, o discurso apocalíptico sugere um horizonte que não acena positivamente para a permanência da raça humana no planeta.

O tom mais otimista é dado pelos entrevistados. Os discursos dos jornalistas procuram apresentar as informações do relatório como espetáculo, fazendo uso de ilustrações que fortalecem um imaginário de destruição no futuro.

As imagens são semelhantes nas diversas matérias apresentadas nos quatro telejornais, destacando que apenas dois repórteres produziram todas as reportagens apresentadas. Percebe-se, assim, que a dramatização e a superficialidade estiveram presentes no discurso apresentado pelos telejornais da Rede Globo sobre o tema, dando muita ênfase aos números, em textos fragmentados e “telegráficos”, sem um aprofundamento maior sobre o tema. Por fim, percebe-se que, nos telejornais pesquisados, o mais evidente é o apelo imagético, deixando de lado uma análise mais aprofundada sobre o tema e suas conseqüências para a realidade social hoje e no futuro.

Referências:

- ARBEX JR., José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo, Editora Casa Amarela, 2001, 290 p.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Ed. Moderna, 1998, 127p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8º edição, São Paulo: Editora Hocitec, 1997, 196 p.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Trad. Joaquim José Moura Ramos (et al). Abril Cultural. São Paulo, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**: seguido de *A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Tradução, Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997, 143 p.
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, 311 p.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 12ª edição, 5ª impressão. São Paulo, Ática, 2002.
- DUTRA, Manuel J. S. **A redescoberta midiática da Amazônia**: sedutoras reiteraões dos discursos sobre a natureza. Tese doutoral. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFPA), Belém: 2003.
- FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Tradução, Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996, 180 p.
- _____. **Televisão Subliminar**: Socializando através de Comunicações Despercebidas. Tradução Ernani Rosa e Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998, 288 p.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1996, 152 p.

- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MARTÍN-BARBERO, J. & REY, German. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. Tradução, Jacob Gorender. São Paulo, Editora Senac, 2001, 182 p.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3ª Edição, Campinas, São Paulo: Pontes, 2002, 68 p.
- RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 140 p.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Linguagem Autoritária**: Televisão e Persuasão. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003, 200 p.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, 180 p.

Sites:

<http://bomdiabrasil.globo.com>

<http://jornalnacional.globo.com>

<http://jornalhoje.globo.com>

<http://jg.globo.com>